

Rola o papo

O Brasil também tem múmia

Você sabia que Dom Pedro II ganhou uma múmia de presente? Ela está fechada em seu esquite até hoje, que é um dos poucos ainda intactos no mundo

De Brasília ao Cairo, capital do Egito, a distância em linha reta é de 10 mil quilômetros. Mas se você quiser ver uma interessante coleção de peças egípcias, incluindo o caixão de uma múmia legítima, você não precisa ir tão longe. Basta viajar ao Rio de Janeiro e visitar o Museu Nacional.

Ali estão guardadas e conservadas cerca de 700 peças que foram compradas ou recebidas como presentes pelo primeiro imperador do Brasil, Dom Pedro I, e seu filho mais novo, Dom Pedro II. A história começou em 1826, quando o pai comprou um conjunto de artefatos encontrados durante as escavações do Templo de Karnak, na

região que hoje é conhecida como Luxor.

Dom Pedro II tomou gosto pela coisa e viajou duas vezes ao Egito, em 1871 e 1876. Nas duas oportunidades cuidou de aumentar a coleção iniciada pelo pai. Comprou algumas peças, mas a sua preferida lhe foi dada de presente por um governante egípcio chamado Ismael. Era a múmia da sacerdotisa Sha-Amon-em-su - ou "Cantora de Amon". E ela estava como havia sido encontrada: dentro de um esquite, espécie de caixão.

O presente foi trazido para o Brasil e colocado no gabinete de Dom Pedro II. Ficou lá até 1889, quando o segundo e último imperador foi exilado na Europa. O filho de Dom Pedro I nunca cedeu à curiosidade de abrir o esquite, que até hoje é um dos poucos intactos no mundo.

Em 2006, a múmia passou por um exame de tomografia computadorizada, para ser observada pelos cientistas sem a necessidade de abrir o caixão. Os resultados são analisados até hoje. Uma das descobertas é que no interior do esquite há uma série de amuletos, como o escarvalho-corção, para trazer proteção na jornada pós-vida.



Sacórfagos ajudam a preservar as múmias

Arqueólogo não é Indiana Jones

Quem já viu filmes como Indiana Jones e A Múmia pode ficar com a impressão de que vida de arqueólogo é uma eterna aventura. Mas não é bem assim. "Não somos perseguidos por múmias ou bolas gigantes e nossa vida profissional não se passa somente em escavações. A maior parte das nossas pesquisas é feita em bibliotecas", explica a arqueóloga Márcia Jamille Costa.

Se você pensa em investir na área, deve ter em mente que um arqueólogo precisa gostar não apenas de ler, mas também de escrever. "É assim que nossos colegas ficam sabendo como e onde fizemos nossas pesquisas ou mesmo quais são nossas

teorias acerca de um sítio que já foi escavado por outro pesquisador", continua ela.

Márcia decidiu que seguiria esse caminho desde criança. O pai colecionava matérias sobre história antiga e a mãe a incentivava a ler. "Certa tarde ela levou para casa um almanaque do Indiana Pateta, personagem da Disney que é arqueólogo", lembra. "Esses fatores foram fundamentais na minha escolha, mas o que contou mesmo foi a minha admiração pela profissão. Existe algo mágico em poder escavar e tocar algo que estava 'escondido' portanto tempo e dar voz a pessoas que nem sequer conhecemos", conclui.

Bacharel e mestre em Arqueologia e especialista em Antiguidade Egípcia, ela mantém um site sobre o tema: www.arqueologiaegipcia.com.br.

